

realização de desejo. Todavia, com o se conservar sempre o mesmo, o esforço se transforma em exalçamento continuo do labor de conquista.

Eis o secreto mecanismo da lei: o psiquismo animador das formas, séde da centralização dinamo-cinetica da substancia no nível *a*, exprime, no instinto fundamental da vida, que é insaciabilidade do desejo de evolver, o irresistivel impulso para a descentralização. Nascido dos movimentos intimos da alma, o desejo cria a função e a função cria o orgão que, a seu turno, consolida a função. Tudo no universo clama a paixão de exprimir o seu poder interior, a paixão do Eu, que luta para vir á luz e revelar-se. E' o cotidiano esforço da evolução que fixa em orgãos a expressão de um desejo tenaz e vitorioso, orgãos que satisfazem ás exigencias do psiquismo motor, o qual, uma vez estabilizados os seus meios, deles se serve para continuar a exprimir-se, a distancias sempre maiores, aperfeiçoando-os e multiplicando-os. Agarrado ao orgão está sempre esse impulso, essa indomavel necessidade do desejo da alma, que nãc se fechará nunca na evolução, porque esta carece de limites.

No campo psiquico do homem, os orgãos são as aptidões e o principio é identico. Diante de vós ha sempre aberto, á vossa espera, a vos atrair, um trecho de evolução, a que vos lançais, para que absorva o vosso eterno instinto de subir e vos leve mais acalto. Assim, toda forma de luta cae, mal se haja exaurido a sua função criadora, para dar lugar a uma luta conducente a criações mais elevadas. Estais presos a um mecanismo sem fim, estais lançados num jogo de forças pelas quais, de ilusão em ilusão, ascendeis em substancia. E só isto importa. Ilusão vos parecem toda satisfação conseguida, o passado conquistado. Eternamente, o sonho está no amanhã, para que se transforme em saciedade e um novo sonho eternamente surja. Desse modo continuamente se desloca a vossa posição sobre a linha do progresso.

Pode parecer-vos uma condenação o ressurgir eternamente diante de vós essa zona de esforço. Ela, porém, é a base de criações no eterno; só essa constante expectativa de trabalho vos pode garantir, num regimen de equilibrios, a constancia na expectativa de expansão e de progresso. O ciclo criador tem depois as fases de descida e repouso (veja-se: trajetoria dos motos fenomenicos). O esforço apenas subsiste na zona de conciencia, porque o que é assimilado se torna instinto e necessidade. Esse esforço se distende cada vez mais e abarca uma riqueza cada vez maior. Tendes assim um resultado substancial sempre progressivo, em apuro, em potencialidade, em concepção. A luta cria e sem luta não se pode construir; ela cae e ressurge e se faz cada vez maior. E' a evolução que avança e com ela o seu esforço. A insaciabilidade do desejo vos fala da verdade destes conceitos. A satisfação é proporcionada sempre ao trabalho realizado; perde-

se depois na saciedade e no tédio, em que a alma se asfixia, enquanto não reage, afim de lançar-se de novo na ação. E não podeis parar. A não satisfação do instinto de evolver, fundamental entre todos e pai de todos os outros instintos, vos obriga a mover-vos em busca sempre de novos e mais altos gozos.

Assim como a dor, a força, o egoísmo e todos os aspectos do mal se anulam a si mesmos com o exercicio, tambem lutais, não para vencer, nem para uma satisfação de momento, porém, para eliminação da luta mais baixa e para eleva-la a formas mais altas; *esforçais-vos por superar o esforço* mais pesado, rumo a atividades mais produtivas, porque a potencia de conquista por unidade de trabalho é progressiva. Essa a unica direção em que o vosso esforço não se neutraliza entre impulsões opostas, em que, ao contrario, constantemente cria. Ao estado de miragem, necessário ao progresso, reduzo todas as vossas concepções sociais, hoje méta a ser atingida, amanhã passado transposto. Que outra coisa, senão um jogo de espelhos, poderá induzir a inconsciencia humana, ignorante de seus altos fins, a avançar ao longo da evolução? A realidade profunda vos escapa e vós vos moveis quais automatos acionados pela lei, que opera, ela e não vós outros, por meio de instintos que julgais vossos, mas que apenas lhe expressam o comando. Ainda não formais, presentemente, sociedade; sois apenas uma grei; sois um desencadeamento de forças psiquicas primordiais, a explodirem confusamente. A explosão, porém, é guiada e tem que se encaminhar para o progresso. A lei não vos pede que a compreendais, impõe que lhe obedeqais.

Os embates de individuos e de povos se produzem para que uns e outros se conheçam e combinem em unidades mais vastas e compactas. A luta é atroz, porque sois selvagens; somente quando o homem deixar de ser tal, tambem a luta não o será. O progresso, na ordem da lei, justifica a desordem e o mal presente justifica a vossa luta, com o seu respectivo esforço. Suprini do universo as palavras injusto e inutil e dizei que tudo é proporcionado ao valor dos séres. A luta que já foi fisica, que hoje é economica e nervosa, amanhã será psiquica e ideal, muito mais digna de travar-se. E' a luta em que hoje me empenho antecipadamente, para elevar o homem ao nível da lei social do Evangelho. Para chegardes a essa méta ainda tão distante, para que se forme o homem digno de comprehenderla e capaz de vive-la, é que atualmente lutais e sofreis, no campo social, economico, politico, artistico e científico.

XCVI — Concepção biologica do poder.

Nestas conclusões sociais, ha quanto basta para refazer o mundo sobre principios biologicos estritamente científicos, em conexão com

o funcionamento organico do universo fenomenico. Não insisto nos detalhes, porque no meu sistema tudo é organico e, em vos sendo dada a chave dos fenomenos, exposto o principio que os rege, facil vos é tirardes as conclusões com relação tambem ás minimas particularidades. Basta haver definido o edificio do universo em suas linhas principais. Poderão parecer irrealizaveis estas conclusões, porque se mostram distanciadas da involução atual, mas não são utopicas, porque se movem e moveram constantemente numa atmosfera de racionalidade. Se vos parecerem utopicas, lembrai-vos de que esta não é uma filosofia superficial; que, tendo no alto a estequiogenese, todos os fenomenos da materia, da energia, da vida e do psiquismo a sustentam. Tudo isto não é simples sucessão de narrativas; representa, ao contrario, uma concatenação logica, por meio da qual as conclusões se acham condicionadas desde as primeiras afirmações e se reforçam a cada passo da exposição. Ponderai tambem que o meu pensamento não se move no ambito restrito das concepções humanas, que ele sobrevôa largamente para horizontes vastíssimos, estabelecendo em consequencia as grandes métas distantes, para as quais avançam fadigosamente os milenios. Tracei dois limites maximos ao que vos é concebivel, como alvos da evolução humana: o superhomem, no que concerne ao individuo; o Evangelho, no que respeita á coletividade, a mesma realização em substancia. Mas, o pensamento carece de confins.

Observámos a evolução das mais potentes forças sociais, que operam sobre as massas humanas para lhes formar a alma coletiva. Observemos agora essas forças convergindo para a nova expressão daquela alma, ainda jovem, verdadeiro centro psiquico e volitivo, que é o Estado. Situado no centro do organismo social, ele é o organismo centralizador da potencia diretora de todas as funções de um povo. Entendido assim como poder, é ele o orgão psiquico-promotor e coadjuvante das maturações biologicas, individuais e sociais, que apreciamos. A sua função é de fazer o homem, é de propelir as ascensões humanas. Sua mais alta méta é criar, no campo do espirito. Toda a sua multiplice atividade jurídica, económica, social, tem que se distilar nessas criações que só elas determinam na eternidade todos os valores. Essa a função que justifica o monopolio da força, a obediencia imposta ao cidadão. As posições supremas implicam supremos deveres. Ai dos orgãos diretores que não desempenham as suas funções.

A minha concepção do Estado reposa em bases estritamente biologicas. Elevei a ciencia até ao ponto de poder concluir em todos os campos, mesmo no campo filosofico-jurídico-político-social. Lancei as bases de uma ética científica, de uma nova filosofia científica do direito. E' racional a minha concepção, está de acordo com todos os fenomenos da natureza, é, portanto, universal. E' uma concepção progressiva, segundo a qual, assim como cada religião

encontra no campo ético o seu posto, tambem cada nação, no campo politico, pode colocar-se no nível que lhe é proprio, conformemente á sua maturidade e compreensão. Do mesmo modo que, no meu sistema, os fenomenos da vida são fenomenos psiquicos, tambem os *fenomenos sociais* são *fenomenos biologicos*. A sociedade humana é um organismo, como organismo são as sociedades animais, todas igualmente sustentadas por leis e equilibrios exatos, como organismo tambem são os organismos animais. Tudo, na criação, é conexo e repete os mesmos princípios. Nos seus equilibrios e permutas entre centro e periferia, cerebro e órgãos, na distribuição e especialização entre funções centrais e perifericas, o corpo animal vos oferece o exemplo do princípio realizado das unidades coletivas, princípio que se encaminha a fixar-se na sociedade humana.

Na minha concepção, os fenomenos sociais aparecem despojados de todas as incrustações exteriores, *nós em sua substancia*, como um conjugado de forças em ação. Rege-os uma lei exata e profunda; são a fisionomia exterior de um conceito que se desenvolve com uma logica sua, que os diagramas estatísticos exprimem na marcha que lhes é peculiar, permitindo-vos assim a previsão do seu desenvolvimento futuro. De outra maneira não podereis estabelecer o calculo das probabilidades. Estudámos essa marcha no desenvolvimento da trajetória tipica dos motos fenomenicos (pag. 70 e seguintes), primeiro, observando a lei de variação (da evolução em função do tempo), suas coordenadas ortogonais (fig. 1: *tempo* sobre o eixo horizontal, o das abscissas; *evolução* sobre o vertical, o das ordenadas), depois sobre diagramas de coordenadas polares (fig. 3) e por interpolação parabolica (fig. 4). Dada pela relação, a linha entre as ordenadas e as abscissas descreve a lei com expressões de calculo algebrico, sob a forma de um problema de geometria, com as correspondentes equações.

O escopo do metodo estatístico é precisamente chegar á lei oculta do fenomeno, á indução da constitutiva relação real, mediante a *observação por massa*, em que se compensam e desaparecem os acidentes individuais. Por isso, o fundamento do metodo estatístico está na *lei dos grandes numeros*, pois que a aproximação ao principio ou causa constante não cresce em razão direta, mas na proporção da raiz quadrada do numero das observações. Com essa relação se chega á expressão da constituição efetiva do fenomeno. Operando sobre grandes numeros, desaparecem as diferenças unitarias e surge uma fisionomia diversa, uma ordem nova, coletiva, que exprime um conceito da lei. E a expressão estatística aderirá á causa; será fixa e constante, se esta for constante, será fornecida pela regularidade nas variações, se a causa for, como frequentemente sucede, um conceito em evolução. Isto desde a estequiogenese até aos fenomenos sociais. Tudo é ordem, todo fenomeno exprime a Lei. Ao pesquisardes as causas, guiados pelo princípio

de causalidade, vós vos aproximaís do pensamento de Deus, para descobrires sempre aí uma lógica exata. Se muitos fenômenos sociais vos parecem atípicos, é porque a respectiva causa, por demasiado complexa, vos escapa e porque, no cálculo, se enxertam interferências de inumeráveis fenômenos, todos interdependentes. Mas, dominadas as causas, compreendida a lei do fenômeno, possível se torna, em qualquer campo, estabelecer a priori, por progressões exatas, o seu porvir. O futuro deixa então de ser um misterio.

Na evolução dos fenômenos sociais, a relação de causalidade impõe um inviolável *determinismo histórico*. Para o povo, ha um destino, como para o indivíduo. Ha um cálculo exato de responsabilidade, em que a liberdade coletiva se equilibra, como vimos equilibrar-se a liberdade individual. Pode dar-se que a ignorância do materialismo nada de tudo isto haja notado; mas, nem por isso, pode a lei deixar de estar presente. Insisto nas bases do fenômeno histórico, que não pode ser compreendido senão como um momento da fenomenologia universal, com as mesmas leis, de relação e cálculo de equilíbrios, que regem o mundo físico e dinâmico. Ha uma *continuidade psicológica no desenvolvimento dos fenômenos sociais*, uma concatenação ferrea de causalidade, embora os atores postos em cena, homens ou povos, nem sempre a compreendam. A lei opera, por intermédio do instrumento humano, movendo o mecanismo dos instintos individuais e coletivos, abatendo aquele que se rebela, impondo por toda parte, a cada movimento, o seu imperativo categórico. Estas forças interiores e profundas sabem e explodem acima da consciência dos povos. Fazem a história. Não é necessário, para isso, que sejam compreendidas. A compreensão é *posterior aos acontecimentos, a consciência é o resultado da história*. Sem embargo do estrondo exterior, ocasionado pelos embates desordenados, na profundeza reina sempre a ordem.

Este princípio guia os impulsos descompassados dos instintos individuais e os coordena para uma única meta. A não ser assim, um amontoado de forças só produziria o caos, ao passo que a história, pelo contrário, segue uma linha precisa de progressos e regressos, de maturações e subversões de ciclos criadores e destrutivos, de sorte que, se cai, é para se reerguer, se demole, é para reconstruir em ponto mais alto. Todo momento histórico é um movimento ordenado para determinado fim. Conceivei a história, não como uma sucessão de eventos exteriores, sem nexo; concevei-a segundo as causas e finalidades, como uma maturação biológica, uma progressiva realização de objetivos, *um funcionamento orgânico*. A história vos mostra a técnica evolutiva do psiquismo coletivo. Vêde por detrás dos factos o fio delicadíssimo da lei que os rege e conjuga. Ha o ciclo do nascer e morrer nas civilizações, nas revoluções; ha um ritmo de desenvolvimento, assim na ordem, como na desordem, por meio do qual a lei, a cada desvio, diz a qualquer

potência social: basta. Todos os equilíbrios correspondem a um equilíbrio mais vasto, em que aqueles se completam na grande onda progressiva do bem. Não compreendereis a história, se não virdes por detrás dela a Lei: a lei que só ela verdadeiramente comanda, que impõe seus ciclos de maturação e de exaustão, que impõe o ciclo dos renascimentos às civilizações, como aos indivíduos.

O destino assegura uma função ora a uma, ora a outra célula social e, apenas exaurida, tira-lha. Na tempestade das revoluções, como no trabalho dentro da ordem, o homem é sempre uma força, é substancialmente um *espírito nô*, que desempenha a sua missão. Assim, muda inteiramente o conceito de governantes e governados, reconduzido ao que afirmamos com relação aos indivíduos: a vida-missão. E' a história quem, para seus objetivos, utiliza os homens, quando os põe em evidência; não são os homens que a conquistam para si e se impõem à história. A idéia de conquista e vantagem pode ser um mecanismo necessário a pôr em movimento as mentalidades inferiores. A massa contém sempre uma reserva de homens grandes para todas as suas necessidades e ora chama um, ora outro, de acordo com a especialização de que disponha para o rendimento completo da sua personalidade. A necessidade, apenas se lhe apresente, imprime eficiência aos valores que ela tem nas suas reservas. O conceito medieval de poder hereditário se acha substituído pelo conceito de poder conquistado por seleção biológica, expressão de uma substancial potência individual de governo. A direção suprema estará aberta a quem quer que saiba vencer a prova de fogo, exclusiva garantia do valor intrínseco. Vence-la para alcançar aquele posto; vence-la todos os dias para manter-se.

Acima de todos os emaranhados de legalidade, a substância e a garantia máxima estão nas forças biológicas, que não garantem o homem, mas a função, e que o derribam, desde que ele não mais corresponda a esta. O conceito de direção-trabalho e função substitue o de direção-poder e prerrogativa. De sorte que a história chama sempre os seus homens, passando por cima das construções legais, os desperta e ergue e deles se serve. Afasta-os, sem pesar, desde que cesse a função, ou eles caiam no abuso e na fraqueza. A prova é grande, tremendo o risco e só vencem e sobrevivem os que são de raça. Somente aquele que possui uma substância de valores intrínsecos sabe surgir de突to e valorizar-se, sabe compreender e dominar as forças que o circundam, em vez de ser por elas aniquilado.

No meu sistema, o supremo comando mais não é do que o *trabalho e a função supremos, a suprema capacidade psíquica e volitiva, a responsabilidade, o perigo, o peso supremos*. No meu conceito, a posição de mando só é tal, enquanto é *posição de dever, posição de obediência* aos princípios diretores contidos na Lei. As gerarquias humanas não passam de pequenina zona, que se pro-

longa além da terra, além dos minimos e maximos humanos. Toda posição é relativa e ha sempre um superior, embora na impondabilidade das forças da vida, o qual premeia e pune áquele que tem de prestar contas do que fez. O mando supremo não é senão *suprema obediencia*, cujo gozo somente é dado áquele que espiritualmente subiu bastante para compreender e pôr em ação a ordem divina. Esse mando é função e missão, como o são todas as atividades sociais, ainda as mais humildes.

Essa a base biologica da atribuição do poder, a unica base que assegura a correspondencia entre o valor e a posição e o seu rendimento, unica que se conserva maleável (adaptação) aos fins da evolução e resistente, sem, contudo, cair na rigidez. Tambem no campo politico, como em qualquer outro, deve preponderar o fator moral. Esses equilibrios e proporções entre valor e posição social fazem parte integrante da minha exata ética científica, na qual não ha resguardo para a posição de responsabilidade e dever, senão na posição de obediencia, pois que tudo tem que ser contrabalançado. Quem é dependente tem que carregar o seu peso de obediencia, como quem dirige tem que carregar o seu peso de mando. Na minha ética, nenhuma posição pode ser de vantagem; é, na medida das forças individuais, um esforço igual, no mesmo caminho evolutivo. Tambem no campo politico, tudo é divisão de trabalho e intima cooperação, não somente colaboracionismo económico, mas igualmente social, no mais amplo sentido.

Quem assume, em qualquer campo e nível, uma função diretora, sem as correspondentes capacidade e responsabilidade, frauda a lei e se expõe á reação desta, que arma contra ele os eventos humanos. Assim é que Luiz XV tornou merecida, para a monarquia francesa, a revolução. Luiz XVI era um justo, mas nenhum exercito ou habilidade política o podiam salvar. Ele estava sozinho, contra um destino de classe, sozinho entre forças contrarias, que se haviam acumulado durante um seculo. Nenhuma construção social pode resistir, embora sob o arrimo da legalidade, quando não tem a rege-la um princípio mais alto, uma impulsão da lei, quando, ao contrario, é agredida pelas reações desta. Assim é que nasce Napoleão, mero instrumento de guerra difundidora das novas idéias. Mal se exauriu a sua função, o destino o atirou longe, como um trapo, tal qual o ultimo rei da França, de quem ele se rira. Assim é que, soberana, a Lei domina os humanos eventos. Eis aí a historia, como entrelaçamento de causas e de forças em ação. Eis aí a reação que restabelece o equilíbrio: Danton sufocado pelo sangue do Terror; Robespierre pelo sangue de Danton; a revolução a devorar seus proprios filhos.

XCVII — O Estado e a sua evolução.

Assim, pois, a lei reconstitue na historia os equilibrios perturbados e guia os acontecimentos acima da vontade dos dirigentes e dos dirigidos. E a historia avança, sem parar nunca. Cada seculo produz, elabora, assimila um conceito e, como patrimonio hereditario que se acumula, o consigna realizado ao seculo seguinte, que se prepara para novas criações. Cada tempo tem uma função criadora; nesse interim, os outros aspectos da vida silenciam e esperaram. Assim é que, por entre violencias e paixões, terrores satanicos e misticas visões, a Idade Media se aplicava á construção da sua conciencia do bem e do mal. Era um tormento dalma, para perceber a voz de Deus; um esforço, acompanhado do abatimento produzido por acabrunhadora dor colectiva, para realizar o sonho da liberação individual. Titanica ebullição de almas, a Idade Media, no campo da arte, da politica, da ciencia, lançava a semente das maiores construções espirituais. O vosso seculo esqueceu o espírito, para criar ciencia, mecanica e velocidade, que hão feito a vossa psicologia. Em breve, estas serão coisas adquiridas e, se bem que as utilizando, a conciencia se dirigirá, com meios novos mais poderosos, para mais elevadas construções de espírito, em todos os campos. As leis da vida, amodorradas durante milenios num ritmo invariavel, sofreram um abalo e se acham hoje despertadas, para lançar-vos no rumo da nova civilização do terceiro milenio.

Do mesmo modo que a revolução francesa, momento critico longamente preparado nos seculos, trouxe á luz da existencia historica o advento politico da burguezia produtiva, tambem a futura e maior revolução da humanidade, filha de uma substancial maturação biologica, trará á luz o advento politico da intelectualidade consciente. Não entendo por intelectualidade esse confuso atravancamento mental que é a cultura moderna, facto exterior, que nenhuma virtude dá á personalidade; a intelectualidade de que falo é uma maturação de raça, construtora de instintos mais altos, que fazem do homem um sér escolhido por seleção para a função social do mando. A essa função de governo será consagrado, por inconfundiveis qualidades insubstituivel, pela mesma razão por que, em a natureza, nenhuma celula de tecido muscular poderá nunca substituir a celula a que estão confiadas funções nervosas e cerebrais.

Esta, da divisão do trabalho por especialização de capacidades, é a unica base biologica que pode justificar o conceito do moderno corporativismo, estado organico, diferenciado nas unidades tornadas compactas pela fusão, expressão viva do organismo biológico coletivo. Corporativismo no sentido colaboracionista em que, além das funções economicas e produtivas, entram todas as funções so-